

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1994.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PĂROKUMU, Umusi & KEHÍRI, Törämu. *Antes o mundo não existia; mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã*. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT / FOIRN, 1995.

A ÉTICA E A POÉTICA DO AMAR COMO SENTIDO DE SER

Villian Costa²¹
Evandro Ghedin²²

RESUMO: O texto A Ética e a Poética do Amar como Sentido de Ser tem como objetivo apresentar a dimensão pedagógica da poética, uma reflexão sobre o destino do ser que é, sobretudo, a essência do amar a face do outro no sentido mais ético possível. O procedimento metodológico aqui utilizado neste texto reporta-se às pesquisas com referencial bibliográfico feito a partir do pensamento de Heidegger, Levinas, Buber, Arendt e poetas brasileiros como Machado de Assis e Guimarães Rosa. Foi a partir do resultado dessas leituras reflexivas que conscientizamos-nos do alcance pedagógico desse diálogo, pois a preocupação com o outro é uma aprendizagem. O resultado dessa pesquisa bibliográfica desperta-nos para a importância da ética como projeto humano e destino antropológico. A cumplicidade entre a ética e a poética é, essencialmente, um convite contemporâneo para uma pedagogia do cuidado com a face do outro, este que nos define e nos completa por inteiro. Acreditando, desse modo, que é possível construir um novo modo de fazer a vida, as ciências e o conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Poética. Pedagogia do Rosto. Cuidado Filosófico.

²¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Amazônia (UEA). Filósofa (UFAM). Prof.ª da Rede Estadual de Ensino (SEDUC). E-mail: villian_etica@hotmail.com

²² Doutor em Educação (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Amazônia (UEA). Mestre em Educação (UFAM). E-mail: ghedin@usp.br

ABSTRACT: The text the ethic and the poetic of the loving as the meaning of being has the purpose to present the educational dimension of the poetic a reflection about the destiny of the being which is, above all, the essence of loving the face of the other one in the sense more ethical possible. The methodological procedure used in this text reports itself to the researches with bibliographical referencial made beginning from the thought of Heidegger, Levinas, Buber, Arendt and Brazilian poets like Machado de Assis and Guimarães Rosa. From these reflexive reading we got conscience of the educational reach of this dialogue as the worrying about the other one is a learning. The result of this bibliographical research arouses our selves to the importance of the ethic as a human project the complicity between the ethic and poetic is, essentially, a contemporary invitation for a education of care about the other one face, which defines us and completes us. So we believe, this way, that is possible to construct a new way of doing the life, sciences and the knowledge.

KEY-WORDS: Ethic. Poetic. Face Education. Care Philosophical.

1. INTRODUÇÃO

Esse texto nasceu de discussões pedagógicas e reflexões feitas a partir do pensamento de Heidegger, Levinas, Arendt e Martin Buber. Com o aporte da filosofia e da ética acabamos por encontrarmo-nos nesta complicitade reflexiva, espaço ético onde nasce a amizade e o compromisso de estar a caminho da poética expressando a pedagogia do Outro enquanto face que não podemos deixar de olhar.

Em Heidegger (1999) foi, para nós, inevitável não conceber o Outro em sua condição e necessidade de ser cuidado, pois ao estar-aí jogado na mundaneidade, só o encontro com o Eu-Tu, segundo Buber (1993) para garantir uma certa autenticidade. Hannah Arendt (2001) companheira das reflexões heideggerianas, mostra-nos que é possível através da compreensão, conciliarmo-nos com nossas ações e nossas paixões.

Quando iniciamos esse diálogo logo percebemos que não terminaríamos porque em Levinas (1997) o Rosto do Outro é o estatuto mais ético da pedagogia do infinito. A experiência reflexiva desse texto nos faz entender que a dignidade pode acontecer no ato de pensar o Ser, quando o pensamento autêntico procura no caminho da ética se reconciliar com o sentido de ser.

2. O DESTINO DO SER E A ESSÊNCIA DO AMAR

Um modo autêntico de pensar o ser é saber ouvi-lo, esta é a experiência mais originária do ser-com-o-outro. Assenta-se desse modo, um pensar em ação.

A natureza e o rigor do destino do ser é o próprio ato de permanecer e repousar no dizer e escutar, desse modo, surge a abertura do saber sentir como engajamento, compromisso e responsabilidade com outrem.

O pensar que repousa na escuta traduz o destino do ser-aí. O destino do ser-com consiste na abertura incondicionada de atender ao apelo do ser-em-si-pessoa *in* potência e existência.

A analítica do ser-com compreende-se a partir do próprio engajamento do ser-aí de modo circundante. Sua presença intramundana determina-se existencialmente quando se vê atrelado ao apelo e encontro com o ser-pessoa. Nesses modos de estar-aí, surge o empreendimento e Cuidado com o Outro enquanto convivência mediada pelo amar.

Dar atenção ao pensar, ao dizer do outro é saber escutá-lo, é saber amá-lo. Engajar-se no dizer de outrem é, essencialmente, repousar num ato de afeto, é repousar na afetividade por ter sido afetado pelo outro. A esse poder tranqüilo impera a essência do Encontro que é, sobretudo, a presença do cuidado e do amar.

O primado do Cuidado e do amar traduz o cuidado ontológico, o cuidado do ser; à compreensão originária da linguagem, da fala e do dizer, é a chegada do ser à sua morada. Longe de permanecer velado, no amar, a linguagem arrebatada o ser em seus mistérios intramundanos. Enquanto desvelamento prévio, anterior à técnica do pensar rigorosos e científicos, o fenômeno do amar encontra na linguagem o encontro do ser-com como Presença. O desvelamento da linguagem faz desabrochar o amar como arte humana da comunicação. É a necessidade de comunicar-se que propicia ao ser o poder de amar. O ser-aí se comunica para não ficar só, a solidão atrofia o falar e o dizer. No falar e no dizer surge o amar. Inaugurando a relação íntima entre a palavra e o amar.

A própria Presença interpela-se como fundamento do eu-aqui como disposição. No amar, afeto-com, o eu-aqui irrompe-se na sua nudez quando se descobre em sua abertura à responsabilidade da presença e à escuta do outro. No afeto, o saber cuidar significa compreender o estatuto da responsabilidade do ser-aí.

Estar aberto à disposição do dizer é também correr o risco de estar a disposição do

amar. Na linguagem o ser-com comunica o que sente, se dar, revela o que há de mais íntimo. A linguagem como casa, morada, habita o acolhimento do ser-aí. O ser-aí intramundano num gesto singelo solicita através do dizer sua vontade de chegar, de entrar e habitar no seio da casa-pátria. O pensar enquanto linguagem, dizer e comunicação, age, consuma-se na vontade de amar. O pensar intramundano do ser-aí caminhante é um amante da ética do acolhimento, repousa e descansa profundamente na tranqüilidade, na paz que outrem pode proporcionar. Em plena certeza, o Outro pode sim representar também paz de espírito.

Estar aberto à disposição do saber cuidar revela-nos a Cura do ser-aí lançado. A percepção do Outro inaugura a vizinhança do ser-aí, pressupõe amá-lo em sua facticidade e angústia.

A afetividade para com Outrem orienta o intramundaneidade do ser-aí lançado como possibilidade. É na busca, na procura do outro que surge a afetividade. Tanto para Heidegger quanto para Arendt (1999; 2001), é no encontro do ser-com que se encontra a condição humana. É no desvelamento dos afetos, na vizinhança do ser-aí no cotidiano, na sua dimensão mundana, que o ser-com surge com significação, de modo prévio, inocente, aberto à compreensão e à nudez.

Na analítica dos afetos, o ser-com revela-se como Cura. É a presença presente, atualizada, vivaz. Sem juízos de valor, sem sujeitos de troca, mas um dar-se como fala e escuta. Em sua bondade o ser-com é Cura.

A cura é muito mais que um fenômeno psicológico. Ela é significação ou ressignificação do ser-aí intramudano. Segundo Heidegger (1999), a cura é preocupação, é um transbordamento de afetos, é afetividade. É na linguagem enquanto morada do homem que habita a cura. A linguagem afetiva, fazedora da cura viabiliza a tranqüilidade, a paz. A cura afetiva é, desse modo, a primazia do querer, vontade de amar, extinção da angústia, realização da libertação e do bom humor.

Na compreensão do saber ouvir e escutar o silêncio e a palavra do Outro, surge o cultivo da segurança, funda nesta sensibilização a proteção do ser-aí que busca a paz. No desvelamento do Cuidar, do amar, incita-nos a poética dos afetos como poema originário, proveniência da infinita atenção que se tem por outrem. A

vizinhança poética do amar, vislumbra a saída da solidão.

A caminho da experiência do Cuidado, o ser-aí-com prontifica-se à claridade da amizade, clareira que ilumina a vida no resplendor do amar amante.

A caminho da experiência dos afetos e da afetividade, surge do silêncio, a escuta. Em seguida a luz da palavra iluminadora. A linguagem e a comunicação aparecem e trazem à tona a vontade de tudo recomeçar. Desvela o poema escondido, o poema amado, a poesia amante e a conversão começa...

O desejo desabrocha da quietude do silêncio, palavras amantes e amadas anunciam o sereno e dócil poema que ama. A dimensão da linguagem repousa no cantar das palavras fazendo-se escuta e pronuncia como a melodia de uma música que toca a intimidade. Acalma a alma, apazigua o inexprimível. Permanece a vontade na experiência do poema que ama a vida, contempla a afetividade, o carinho do encontro que Cura.

Como poema começado, a palavra dita dirige o universo, o mundo cala e presta atenção a melodia harmoniosa do poema começado. É o amar que pensa o ser-aí-com. A coragem do dizer e da escuta germina, fecunda a conversação, o ofício do pensar que afeta, que se dispõe em atender ao apelo, ao chamamento do poema amado que anuncia a felicidade do ser-aí capaz também de saber se dispor enquanto ser-com.

Marcado por um destino, o de pertencer a outrem, o ser-com caracteriza-se como ser-no-mundo pela sua possibilidade singular/complexa de comunicar-se. A linguagem institui o destino comum do ser-aí/ser-com. Somos diálogo. Podemos ouvir uns aos outros como canção de pertencimento da condição da interação humana. A linguagem é clareira esquecida, é o sentido originário do ser-aí, é revelação que organiza o homem em sua peculiaridade de ser-com.

Amar é falar, é o dizer escondido, é linguagem e comunicação. A temática do amar é digna de questão, uma vez que se estar falando da experiência da vida. No apelo à poemática do amar deparamo-nos com a liberdade e a possibilidade da reflexão. Reflexão necessária para a cultura pós-moderna.

Ora, não se vai de encontro ao Outro usando luvas nas mãos, usando armadilhas e

estratégias num jogo de interesses e trocas. Aqui, o sujeito não é o de trocas, mas o sujeito espontâneo que se dá sem nada esperar. O próprio ato de dar-se já é amar, é amável, amado. É neste diálogo amoroso, num estado-de-abertura que acontece segundo Heidegger (1999), o desvelamento do ser-aí, que é, sobretudo ser-com.

2.1 Liberdade e Autenticidade como Experiência e Compromisso Ético com o Outro

A liberdade como clareira do ser-aí, da pessoa humana, enuncia-se a partir da possibilidade enquanto vontade nua. É nesta absoluta nudez que a liberdade aparece como acontecimento autêntico. Aparição que funda a liberdade da mais plena simplicidade. Sem estratagemas. Somente desse modo é que a aparição do ser-com surge como proposta de chegada, acolhimento, recebimento para um mundo mais ético.

A essência da liberdade está na ingenuidade, gratuidade, amorosidade. Sem dissimulação, sem falsidade, apenas com o intuito de amar o outro edificamos efetivamente a condição humana.

O ser-aí desvela-se enquanto ser-com, comprometido com a dimensão social do outro através do espetáculo amoroso entre a vontade de ser amado, acolhido, cuidado e a responsabilidade que o outro sente por mim. Nesta entrega ao desvelamento da individualidade (ser-aí) emerge a confiabilidade pelo outro. Deixar ser é entregar-se como possibilidade de ser feliz. Desvelar os medos e partir pra dança harmoniosa da vida que é amar. O corpo levanta-se e começa a amar. Nesta entrega do ser-aí ao existir, travamos um diálogo sincero com a dádiva da existência.

Nesta perspectiva de existência desvelada, em abertura infinita e sincera para com Outrem e com a vida, o medo, o velamento é aniquilado. Este é projeto de Lévinas (1997) e Heidegger (1999).

Os monstros dos quais temos medo não merecem nosso estado de tensão. São monstros criados pelo medo, não merecem nosso temor, nossa saúde. Medo da noite ou da claridade; medo da morte ou medo da vida, medo de viver, medo do

outro e de si mesmo. A sabedoria começa onde acaba os medos e nos ensina a viver, começa a liberdade, a autenticidade.

A liberdade é, pois, uma raridade que os raros espíritos sabem cultivar. É a experiência mais originária, é a essência da verdade. Ela determina o modo de ser, de estar-no-mundo em sua autenticidade. A essência da verdade é esse domínio originário de tornar-se ser-aí em libertação promovida pelo amar do outrem.

A autenticidade manifesta-se para Heidegger (1999), como liberdade, libertação do ser-aí velado. Estar revelado é dignificar-se diante do outro com desocultação da inautenticidade. A experiência existencial da autenticidade é para Buber (1993), uma revelação do compromisso Eu-Tu.

Com o intuito de libertar-se dos medos, o ser-aí luta insistentemente pela coragem atenta do olhar do outro que me olha sentindo-me. A autenticidade do outro constitui-se num dar-se como esquecimento de todo e qualquer gesto egoísta. É necessário, pois, que o espaço-de-abertura, lugar por excelência da libertação, contribua para o não-velar da totalidade da pessoa humana.

Neste destino de ser autêntico, verdadeiro, o ser-aí é o lugar das possibilidades e o fundamento da complexidade mais sutil que possamos imaginar. Complexo porque é velamento, é ocultação, errância, está sempre correndo risco de errar, de ser inautêntico. Porém sua morada peculiar incide no cuidado que o Rosto do Outro implica.

Encontro-me com o outro de surpresa, como diz Lévinas (1993), a queima roupa sem espera e logo me vejo modificado. Sua palavra que interpela-me como um imperativo ético, convida-me a viver, a sorrir e a não parar. O encontro face-a-face resgata potencialidades adormecidas. É luz, é proposta. Basta uma aceitação ética e a história começa a partir daí.

O vínculo ético estimula a autenticidade, desperta sonhos sonhados, inaugura um novo olhar de uma face talvez envelhecida pelo sofrimento. No outro, transborda-se as potencia-lidades, desdobra-se para ouvir, olhar, sentir e falar. O Outro é um convite amoroso que desejo sempre, não escapa porque o quero. Em sua ingenuidade, o outro não sabe que é capaz de me resgatar e ajudar a reorganizar

meu cosmo, meu universo interior. Em sua simplicidade toma-me como um sorriso de criança feliz. Toma-me com a sabedoria da humildade, da bondade e do simples. Doa-me o teu ser, a tua alegria de viver em toda a sua sinceridade. É um encontro gratuito, sem interesses; é um doar sem egoísmo, apenas com a vitalidade e a potência de amar. É a saída de si chegando de modo silencioso, bem baixinho para não espantar os passarinhos. Gestos “invisíveis” entram, enlaçam o encontro face-a-face que é só desejo. É um querer que dá sentido à vida, a tudo que busca a vontade de viver. O encontro com a face do Outro é a saída e chegada mais sublime que podemos ter, receber. A chegada do Outro é esse mistério que eu não esperava. Chega já pertencendo, já se dando, se relacionando porque é em sua essência ser-com.

Não há necessidade e não há tempo para raciocinar sobre o Outro, ele é anterior à razão. O outro não é discurso nem retórica, é, sobretudo, significado. Assimétrico por natureza, o Rosto do Outro não se encaixa na lógica geométrica das formas, nem das fórmulas e dos cálculos da razão técnica. Ele é um olhar que não olha, mesmo em sua ausência física ainda assim eu o vejo, o sinto. Sua face é presença presente no desejo infinito que sinto por ele. É sensibilidade. É ético porque não é pueril, não é um encontro vã, é permanente. Ele habita, se faz morada. Se faz linguagem. Som. Eu o ouço em sua ausência. É significado ético do qual eu não vivo mais sem ele. É um encontro puramente ético porque é acolhimento, acostuma-se porque se faz morada. Teorizá-lo é feri-lo. Só amando-o posso tê-lo.

O desejo do encontro é um apelo de amar incondicional, é um chamamento amoroso de uma experiência de compreensão. O desejo é infinito porque o quero não só agora, o quero a cada amanhecer. Porque a bondade da face do outro se renova infinitamente. É como o pôr do sol que não anuncia o fim do dia, mas o ciclo vital que se renova no amanhecer.

No rastro do desejo não basta um encontro superficial, o que vale é a paz que ele instaura, a segurança que me traz, a amizade sincera que preciso.

A experiência da face do Outro, do Rosto, é uma epifania de um eu que não se quer mais egoísta, é uma manifestação segundo Lévinas (1993) de justiça. Em sua chegada explosiva, arrebatadora, não há egoísmo porque é um doar-se a

exterioridade sem dúvidas, o que o alimenta é a certeza de que o desejo quer a compreensão do amar.

A face do outro extravasa minha compreensão, por isso o vínculo ético se propõe como mediador a aproximação do face-a-face. O Rosto do Outro enquanto expressão original é sempre um imperativo, revela-se e revela-me, se dá e dou-me a ele por um instante infinitamente bom. A palavra proferida no Encontro face-a-face é: busquemos um ao outro a força vital da vida e do amar. É a vontade de amar que devemos nos reverenciar, este amar é para Lévinas (1993) o Infinito. Esta força vital nos encoraja em nossa vulnerabilidade.

2.2 O Diálogo com a Face do Outro é Linguagem e Comunicação

A grandeza infinita do amar exige de nós a desarticulação das palavras discursivas, organizadas, empilhadas numa lógica irreduzível. Precisamos admitir que é a nudez do meu rosto que me veste, é tirando tudo que posso ganhar o mundo de volta e começar a ser feliz.

O desprendimento absoluto ilumina a face do rosto do outro. A nudez é poética, é poesia, é poema da vida. Enchendo-me do desejo infinito do bem que encontro no outro, refaço a mim mesmo e a nós dois (Eu-Tu). Torno-me responsável por outrem. Co-existindo (ser-com), fazemos nossa morada. Habitação que se constitui num jogo de amizade (*phylia*), since-ridade e justiça. Face-a-face é afetação. Afetados (Eu-Tu), o diálogo amoroso começa com o poema amado.

Apesar do Outro em seu mistério não me oferecer nenhuma certeza, arrisco-me por ele. Sua chegada já é linguagem, já é texto. É uma surpresa da qual só posso contemplar com minha bondade. Sua palavra é presença, já é Cura, que para Heidegger (1999) é cura ontológica porque é o ser que adquire sentido.

Cheio de méritos, o Outro em sua chegada já é apelo. Traz em sua morada a linguagem, não só a comunicação, mas seus afetos, sentimentos, emoções e sonhos. Sonhar, amar, sentir e falar são méritos que só o Outro pode me proporcionar. Inesperadamente, no entanto, os muitos méritos preenchem minha morada. Em virtude de sua bondade, tais méritos preenchem poeticamente a vida.

Estar-aí cheio de méritos na mundaneidade, no habitual, no ordinário é, sem dúvida, procurar no extraordinário a essência que funda a condição humana. Na face-do-outro, dia-a-dia no ordinário, posso num esforço sincero amar a vida. Porque é o único esforço que vale a pena é o dizer sim à vida. Inerente à condição humana, o aspecto mais fundamental é esta pré-disposição para dizer sim a vida como medida poética para habitar o mundo do outro. Diante de sua face, continuamente, possa buscar no ordinário o extraordinário. Um modo autêntico de essencializar a condição de mortal.

Permanecendo na escuta do costumeiro, o ser-aí-jogado-no-mundo, pode sem pretensão, apenas em seu mérito de desvelamento, chegar a morada do Outro à sombra da noite. Na obscuridade, jamais nas trevas, a face do outro chega já como claridade, luminosidade, esperança. Permanecendo sempre como algo lançado pela luz da bondade, justiça e paz. É nesta obscuridade que a face do Outro se resguarda em sua essência somente com o intuito de afetação. Afetar o outro previamente como morada a partir dos méritos e dos afetos. Nesta afetividade surge a face-do-outro na sua honestidade.

2.3 O Pensar Poético como Vizinhança e Escuta do Ser-aí

Na dimensão poética que a princípio parece ser abstrata, fantasiosa, irreal ou romântica, o ser-aí conduz o eu ao sentido originário. O pensar poético é um pensar de vizinhança, está na proximidade da vida, fixado a terra num solo de fertilidade onde a visita acontece. Nada de abstração, mas de visitação à vida como ela é.

A poesia visita a morada do humano (ser-aí) que é, por excelência, o poema pensante. O ser-aí é o único ser que poetiza seu modo de viver. Estar-aí na existencialidade, surpreso no ordinário pelo extraordinário, a escuta poética da face do outro é o silêncio mais amoroso e poético, é originário, privilegiado porque é anterior à razão, pois anuncia a chegada da face de Outrem. A escuta poética anuncia a chegada do poema que canta o poético. O poético nasce, desse modo, como melodia para que o corpo se levante e passe a viver, procurando todas as canções já esquecidas.

O poético encanta o corpo, chama-o de fora para a escuta da melodia e da beleza do esquecimento. O corpo se posiciona como um imperativo, dar uma ordem à razão: trate de reinventar a vida, porque o corpo não quer tão somente o saber quer, sobretudo, a felicidade, a justiça e a paz. Alves (2000) entende que o corpo é um centro mágico de todo universo, o corpo se comove, enfeitiçado, porque o poético enfeitiça, enamora. O corpo escuta, levanta-se e parte para luta: o amar poético da vida. Poeticamente a face-do-outro habita na busca do renascer da infância esquecida.

A face do Outro aparece como a deusa Ártemis com tochas de fogo nas mãos. A clareira é, em essência, a luz porque o Rosto do Outro é portador de luminosidade que faz emergir o olhar, a boca, o sorriso, as mãos...

Para Heidegger (1999), o outro que é, sobretudo cura antológica, é o caminho que se faz clareira, numa chegada inesperada, trazendo o velamento que se põe ao desvelamento. Iluminar-se no significado que traduz a face sem formas geométricas, mas na sua essência de significação. A face que significa-se no olhar que se afasta e se aproxima (velamento/ desvelamento). Nessa dialética da dimensão poética, de distanciamento e proximidade, me dou conta de que a face de Outrem também sou eu no intervalo da saudade (Eu-Tu).

Sob a proteção do tempo e do espaço, a saudade do Rosto de Outrem se afasta com a doçura da fala que não se escuta mais, apenas significa-se no tom da música, da melodia, da prosa ou do poema cheios de vida. Iluminado pela poética da significação, o Rosto permanece infinitamente na plenitude da saudade e do Amar. Por isso que Lévinas (1993), diz que ele é Infinito.

Assim como Ártemis, a deusa protetora da luz, o Rosto do Outro ilumina chamando-nos à generosidade, à responsabilidade. Percebo sua face num diálogo ético do construir, numa experiência sem conceitos, pois sua voz interpela-me convidando-me à dignidade, à justiça. A responsabilidade pelo Outro é um bem, um ato de Cuidado humano, porque o outro não é um servo, um colonizado subjugado.

Sempre escapando de qualquer teorização, pois está na ordem da significação, em seu todo é desnudamento, o Rosto traz em sua condição de errante realidades enigmáticas. Imbuído de erros, por isso errante. O Outro no encontro face-a-face

esvazia-se num apelo ético, é um chamamento ao cuidado, ao afeto, afeta-me.

Numa perspectiva do não sensível, a face do Outro, o Rosto, brota do cuidado, da vontade ética de mantê-lo vivo infinitamente dentro de mim como imperativo que ordena-me: não morrerás porque jamais deixou de te amar. Porque é a ética do Infinito. É uma temporalização que sempre recomeça.

A face enquanto refugio ético do ser-aí aponta para solidariedade, pois não concebe a humilhação e a indignidade. A exposição do Rosto instaura a bondade como caminho luminoso ao encontro da paz que desejo do outro, pois é esse o único objeto para justificar a busca que se faz pela paz.

Interrompendo a lógica das coisas, que é a lógica da razão técnica, a face do Outro chega como diz o poeta Guimarães Rosa (1936), bem devagarzinho para não espantar os passarinhos. Nesse silêncio musical e poético, fazendo-se surdo, a face do Outro chega, quebra o ordinário, rompe toda ordem lógica e, faz morada em sua extraordinária majestade. É uma pause, é uma chegada sem aviso, é um estilo. Se faz face, presença, se humaniza. Por esta classe, essa fineza, não posso recusá-lo, assim recusaria a mim mesmo. Esse caráter humanístico da face-do-outro desarma, desmonta a consciência, as palavras e as coisas.

2.4. Do Rosto Nasce uma Proposta Pedagógica

Na miséria ou na alegria, o Rosto ultrapassa a racionalidade, instala-se como morada, habita na poética do amar como o poeta com as palavras. Preenche o vazio, transborda porque sua pobreza ou riqueza, afeta-me, não posso não amá-lo. Na poesia de Machado de Assis (1977), o amar acontece diante da aflição e da miséria do outro, é um encontro entre a dor e o amar.

Na saudade, a face do outro vem da exterioridade mais longínqua. Um desejo infinito invade o meu ser quando penso, quando necessito-o. Pode ser só o olhar, só o sorriso, qualquer vestígio alimenta o meu espírito, porque o outro pode ser a minha paz.

Na reviravolta que o Outro causa-me, transformando a minha vida, nasce uma

proposta pedagógica: a aprendizagem da palavra, do saber escutar, mestre-discípulo. Enquanto ser-para-outro, aprendo a ficar em silêncio, aprendo a ouvi-lo. Aprendo a ouvir o eco de sua voz e palavras, ouço seu silêncio a essa pedagogia que vem da exterioridade, nasce infinitas virtudes. Valores como a humildade, simplicidade, sabedoria, amizade, bondade, tranqüilidade; fazem parte do conteúdo pedagógico que o outro me oferece gratuitamente.

A pedagogia do Outro inaugura uma relação de originalidade anterior ao pensamento. O importante é, primeiramente, senti-lo, ouvi-lo. Trazido pelo significado, o Outro torna-se um mortal imortal, um finito infinito. Chega desavisadamente e faz morada ética, habita enquanto significação.

A experiência pedagógica mais sublime com o Outro é a experiência da afetividade. Sentir o que o outro sente como se fosse a minha própria dor ou alegria. É um ato gratuito de amar. Não é um penso, logo existo; mas um sinto, logo sou. É uma experiência pura, sem máscaras ou dissimulações. Ser afetado pelo Outro é dizer te aceito do jeito que és, do jeito que estás chegando.

Afetar o Outro é adentrar em sua existencialidade, é afetividade. É afeto sincero, é um apelo ao amar. Afetividade é amizade, é vivacidade e respeito que se nutre infinitamente.

O primado existencial do encontro-com-o-Outro é um privilégio pedagógico, seja na dor ou na alegria ou na dor e na alegria. É uma experiência de afetamento, de não ter como fugir do encontro. Afetar o Outro é chamá-lo para um diálogo que possivelmente funda o sentido da existência.

A experiência pedagógica que nasce do *phylia*, de *Eros*, mobiliza a empatia, a identificação-com-o-outro, aprofunda a intimidade que nasce da exterioridade. Diante do desafio que é amar o Outro em sua poética da dor e da alegria, o caminho mais digno para recebê-lo é o do acolhimento ético. É no Ser que encontramos a inocência de ser o que é.

A reflexão sobre a face do outro resgata a temática da alteridade como morada. O Outro é casa, é abrigo. É recuperação, ressignificação, atitude e responsabilidade. É um convite a repensar o Outro em mim. A pedagogia do Outro desperta-nos a

oportunidade de repensar a vida em sua plenitude. Momento propício para dialogar com a face do Outro a partir da ética, olhando-o enquanto ser-com (ser-comigo).

Negar o Outro é o risco de ficar só, totalizar-se, fetichizar-se, divinizar-se. O risco é cair nas armadilhas egocêntricas e idolatrar-se por si mesmo.

A resistência ao Outro fecha, enclausura e adormece as possibilidades da epifania da amizade, da alegria. A manifestação da face de Outrem é, assim, uma abertura, um esvaziamento que permite conduzir o espírito à aprendizagem.

O próprio Rosto do Outro chega já despertando sentimentos e reflexões. Chegada que se propõe. O Rosto é pedagógico. É uma relação de conhecimento e sabedoria carregada de significação. O Rosto apresenta-se em sua originalidade como exterioridade que funda o meu ser, completa-me. Renasce em mim a esperança pelo sentido do viver. Testemunha minha caminhada, aprova-me como sou, como estou. Deixa-me falar, sorrir e chorar. Oportuniza-se. A face do outro é mandamento ético que humaniza no acolhimento.

O Rosto enquanto pedagogia é a procura pelo humanismo vital cujo reflexo é a face expressiva dos afetos. O Outro ensina-me a sonhar, a estar-no-mundo pacientemente. O verdadeiro humanismo só se oferece a uma relação que não é de poder. Este é o desejo mais fundamental do pensamento de Lévinas (1993) na obra *Entre Nós*, um ensaio sobre a alteridade.

3. A ÉTICA E A POÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE OBJETIVAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

O apelo à ética e a dimensão poética neste texto surge com a necessidade de superar os projetos prosaicos do homem pós-moderno. Percebemos que o homem tem sido hostil com a sua dimensão ético-poética. Tem habitado o mundo apenas com a aridez da linguagem prosaica.

Acreditamos em Morin (2000, p. 177) quando ele diz que: *“a vida humana é tecida*

de prosa e poesia. A poesia não é apenas uma variedade de literatura, é também um modo de viver na participação efetivamente transfigurando a vida prosaica feita de tarefas práticas, utilitárias e técnicas”.

Não estamos neste texto traduzindo uma apologia à poética, pois sabemos que as duas polaridades são necessárias. Apenas, desejamos que entre as duas dimensões, a ética possa manifestar-se como mediadora para dar sentido ao nosso ser. Morin (2000, p. 177) acrescenta dizendo que *“se não houvesse prosa, não haveria poesia, o estado poético só se manifesta como tal em relação ao estado poético”.*

O estado prosaico arremete-nos para situações da vida utilitária, funcional, com finalidades imediatas. Enquanto estado poético coloca-nos em situações amorosas com a vida, em si mesmo como fim incondicional desejando a fraternidade e a paz com o rosto do outro.

O que mais desejamos externar neste texto é que a civilização ocidental moderna dissociou prosa e poesia, esvaziou nossa capacidade de dar significado ético à vida. A poética aqui representa um protesto ético contra a traição da condição humana. O mundo ocidental moderno sobrecarregou a vida com a lógica das máquinas, tecnoburocratizou o mundo, hipertrofiou nossas utopias apoiando-se no triunfo da razão prosaica.

Como afirma Morin (2000, 178), a cultura ocidental moderna *“espalhou um grande lençol de prosa sobre o mundo”.* É, entretanto, neste sentido, que nossa reflexão atravessa o prosaico para revelar seu lado aparente, artificial e banal, fonte de desprezo pelas coisas simples e significantes a nossa existência.

Este tema pode representar uma problemática da pós-modernidade sob a forma de dialética entre o prosaico e o poético, no sentido de ser para nós, sobreviventes da lógica do capitalismo, uma possibilidade de construir uma razão nova para pensar nosso modo de habitar o mundo como experiência e eticidade.

Reconhecer a dimensão poética do mundo é atualizar nosso diálogo com ele. Busquemos um pensamento no dizer de Maffesoli (1998, p. 23) que se tenha reconciliado com a vida, uma razão sensível que entenda que a razão abstrata é

uma razão separada, pois ela não entra em jogo numa época em que o fervilhar da razão sensível se compromete com um novo modo de pensar a política, a economia, o social, a cultura e as civilizações.

Vivemos numa época de incertezas sob todos os ângulos. Isto revela que o conhecimento técnico-científico ocidental moderno tem deixado lacunas e uma apatia profunda diante de sua morada - o *ethos*. O esforço dessa nossa reflexão é o de poder despertar para uma nova contemplação do mundo ocidental, levando em consideração uma metodologia dialética de objetivação histórico-social da cultura, pois implica, desse modo, compreender que é possível construir uma dialética para além da tese, antítese e síntese, pois não queremos uma investigação científica da história humana onde essa história corra o risco de seu término, de fechar-se em si mesmo, não queremos uma história que de antemão já esteja concluída.

LLorente (1995, p. 246) confirma nossos propósitos de uma metodologia dialética não hostil à objetivação da história, pois a dialética que desejamos é aberta, é sensível às implicações da alteridade, fundamento da ética sem colonizar o rosto do outro, sua cultura, conhecimento e ciência.

O atual estado de investigações científicas aponta para uma experiência ética com as ciências e com o conhecimento científico. Na verdade quando assumimos esta temática, decidimos dar uma resposta contra a absolutização da razão técnico-instrumental, pois acreditamos que ela não pode ser exclusiva para nossa cultura, desejamos recusar esta forma de pensar.

Desejamos aqui terminar provisoriamente esta reflexão, acreditando numa razão ética, que possa dialogar com as ciências e a ética como pura aprendizagem de uma época de clamor pedagógico, porque desejamos para uma nova aprendizagem entre a prosa e a poesia, uma nova experiência ética, porque no dizer de LLorente (1995, p. 239) *“a razão científica é incapaz de salvar a racionalidade humana”*.

4. CONSIDERAÇÕES

A dificuldade de tecer uma conclusão ou considerações finais sobre a temática da ética na dimensão da poética consiste numa preocupação ontológica, pois a

relevância dessa reflexão aponta sempre para um recomeçar porque a grandeza do sentido de ser poética-mente no mundo envolve as nossas vidas para a morada mais íntima do nosso ser, o ethos.

Ética e poética a caminho do sentido de ser, é uma reflexão que busca em todos nós o amar enquanto comunicação, presença e cuidado à escuta do outro. A poética como destino pedagógico pode sim proporcionar um outro olhar sobre o mundo, pode gerar discussões filosóficas, ontológicas e pedagógicas. O importante é não repousar no esquecimento de ser e de estar poeticamente no mundo. Podemos instaurar um novo modo de produzir idéias saudáveis para uma razão nova que deseja construir uma nova cultura, uma civilização não prosaica, onde as ciências e o conhecimento estejam a serviço da dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Lições de Feitiçaria**. São Paulo: Loyola, 2000.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1977

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2 ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 8ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes: 1999.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LLORENTE, Francisco Olmedo. **En Torno a La Etica de Miguel Reale**. In Revista Brasileira de Filosofia. Vol. XLII, n.º 179. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Trad. Albert Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MORIN, Edgar. **Terra Pátria**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: Sulina, 2000.

ROSA, Guimarães. **Magma**: poemas, 1936.